



TRABALHO / Profissionais que até um ano atrás podiam escolher entre ofertas de várias empresas, agora enfrentam demissão. Quando encontram vagas, são obrigados a descer alguns degraus na carreira e a aceitar remuneração mais baixa

De disputado a desempregado

» SIMONE KAFRUNI

Com a disparada do desemprego, o mercado de trabalho sofreu um revés. Até o ano passado, empresas de Recursos Humanos mal conseguiam preencher vagas abertas por não encontrar pessoal qualificado. A crise econômica inverteu essa lógica rapidamente. Hoje, faltam postos, e o número de pessoas em busca de emprego dobrou. Com isso, profissionais de todas as carreiras, de executivos a operários, estão topando qualquer coisa, de cargos inferiores a salários menores, para permanecer no mercado formal.

Demitido de uma revenda de celulares, onde tinha o cargo de gerente com um bom salário, Cícero Lourenço de Matos Barbosa, de 34 anos, sentiu na pele a mudança de humor do mercado de trabalho. O alto rendimento salarial foi o principal motivo para sua dispensa. “Com a crise, a empresa passou a ter dificuldade de conseguir crédito para comprar os aparelhos para vender. O dono da revenda é um microempresário e, para manter o negócio, optou por me demitir”, conta.

Durante um mês e meio, Cícero procurou vagas de trabalho. “O varejo estava oferecendo salários muito baixos, de R\$ 1 mil a R\$ 1,5 mil para gerência de lojas pequenas. Decidi colocar meu currículo num site de procura de emprego para tentar alguma coisa melhor”, diz. Conseguiu uma colocação numa multinacional no Aeroporto de Brasília, mas teve que aceitar um cargo abaixo do que tinha anteriormente. “Sou subgerente e meu salário hoje é 30% menor do que eu ganhava antes. Mas a empresa oferece benefícios e plano de carreira. E eu preciso trabalhar”, ressaltou. Para se adaptar à nova realidade, Cícero teve que abrir mão de muitos itens de conforto. O celular pós-pago virou de cartão. A tevê por assinatura foi desligada. Almoçar e jantar fora não estão mais no cardápio de lazer do subgerente.

Como Cícero, milhares de brasileiros estão tendo que se ajustar a um novo mercado de trabalho. “Nos últimos 15 anos, a falta de profissionais qualificados gerou uma série de distorções, que, agora, num período de crise, estão sendo ajustadas. Muitos salários foram inflados e agora estão voltando à realidade de mercado”, destaca Adelino Neto, sócio da consultoria People Oriented. Uma das carreiras em que isso mais ocorreu, afirma Neto, foi na engenharia. “Faltava pessoal qualificado e, para contratar, as empresas estavam pagando para engenheiros iniciantes a



104 concursos estão abertos

» RODOLFO COSTA

Em meio à recessão que está devastando a renda das famílias, o setor público ainda oferece boas oportunidades para enfrentar os efeitos da crise econômica no mercado de trabalho. Estão abertas em todo o país pelo menos 13.914 vagas, distribuídas em mais de 104 concursos, com remuneração de até R\$ 27,5 mil.

Além das oportunidades em aberto, outras 1.863 vagas serão lançadas até o fim do ano para órgãos federais, como o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), um dos mais requisitados pelos concurreis. Mas, há boas oportunidades, mesmo agora. O Banco do Brasil está com seleção para 95 postos para escriturário, e quem deseja concorrer deve se apressar, já que as inscrições terminam hoje.

Outro certame que tem chamado a atenção é o da Secretaria de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude do Distrito Federal, que oferece 200 chances imediatas e outras 888 para formação de cadastro de reserva, com salários entre R\$ 3.730,22 e R\$ 5.242,06. Quem pretende concorrer a uma dessas vagas é a estudante Michelli Costa, 30 anos. “Estou estudando há três anos para concursos, e não pretendo parar. É uma seleção atraente pela quantidade de vagas e exige preparo em disciplinas de que já tenho domínio”, diz.

Efeito dominó

Em um efeito dominó, a crise afeta também alguns trabalhadores domésticos. “Eu tinha uma empregada mensal que passava minhas roupas. Precisei dispensar os serviços dela. Eu mesmo estou passando minhas camisas. E não há mais espaço para supérfluos”, conta Cícero Barbosa, que foi demitido e só conseguiu outro emprego que lhe paga 30% menos do que o anterior.

Risco dos cortes

Para as empresas, nem sempre demitir é a melhor alternativa para reduzir custos, alerta o sócio da consultoria People Oriented, Adelino Neto. “Além de a demissão sair caro no Brasil, por conta dos inúmeros encargos, as companhias precisam de profissionais capacitados para enfrentar a crise”, ressaltou. Muitas organizações têm mudado suas estratégias para se adaptar ao novo cenário macroeconômico e sentem falta de quadros preparados para implementá-las. “Temos observado também casos em que as empresas foram muito agressivas em seus cortes e acabaram precisando recontratar alguns executivos”, diz.

mesma coisa que profissionais com vários anos de casa. Ou seja, o piso foi elevado artificialmente”, explica.

Hoje, a People recebe o dobro de currículos que chegavam há um ano. Atende empresas e também profissionais de

alto nível. “Quanto maior o tempo que a pessoa fica procurando por trabalho, mais flexível ela vai se tornando. Então, aceitei cargos inferiores à sua qualificação e salários menores também. Hoje, a redução chega a 30%”, diz Neto.

Outro exemplo muito comum de anomalia do mercado, exemplifica Neto, é daquele analista que pulou rapidamente para um cargo gerencial, ganhando muito mais, porque a empresa não encontrou outra pessoa para ocupar a vaga. “Hoje, ele está sendo demitido porque também é resultado de uma distorção”, afirma.

O quadro é tão grave que não atinge só executivos e gerentes. Já chegou ao chão de fábrica. A coordenadora de Recrutamento e Seleção da RH Brasil, Débora Menegolli, destaca que,

geralmente, quando a empresa anunciava uma vaga de receptionista com salário de R\$ 1,4 mil recebia no máximo três ou quatro candidatos.

Na semana passada, fez anúncio semelhante e atendeu mais de 60 pessoas interessadas no emprego. “O mercado de trabalho mudou completamente. Antes a gente penava para conseguir pessoal qualificado e tinha muitas vagas abertas. Agora, qualquer posto é bastante disputado”, pontua.

A especialista assinala que os profissionais estão se sujeitando a receber salários inferiores, desde que fiquem empregados. “Vejo muito pai de família desesperado, aceitando qualquer coisa. Isso está ocorrendo em todas as classes, desde trabalhadores operacionais até executivos”, observa Débora.

Provas para o Planejamento

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Segundo candidatos, foi baixa a abstenção entre os 35.932 inscritos

A corrida por uma vaga no funcionalismo continua forte. Ontem, foi a vez de as provas do concurso para o Ministério do Planejamento e para a Escola Nacional de Administração Pública (Enap) atrair milhares de candidatos. O Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebraspe), responsável pela realização do certame, não divulgou o número de abstenção, mas de acordo com os candidatos que compareceram aos locais de prova, a expectativa é que a grande maioria dos 35.932 inscritos prestaram o concurso.

“Na sala onde fiquei, algumas pessoas não compareceram. Mas pelo que observei ao caminhar até o local, tinha muita gente. Os corredores estavam cheios”, conta o estudante Pablo Arruda, 24 anos, um dos 845 postulantes ao cargo de técnico de nível superior, da Enap. Por conta da demanda de 211,25 pessoas para uma das quatro vagas ao posto concorrido, ele acredita que não terá muitas chances de aprovação, mas assegurou que não desistirá. “Achei a prova difícil e complexa por terem sido cobradas muitas questões sobre administração das quais eu não tinha domínio. Mas não vou abandonar minha meta, que é passar em algum concurso até o fim do ano. O emprego na iniciativa privada está escasso”, diz. (RC)

Norueguês tem perda de até 45%

» VICENTE NUNES*
ENVIADO ESPECIAL

Oslo e Berger — Uma das nações mais ricas do mundo, exemplo de distribuição de renda e de qualidade de vida, a Noruega está sentindo o baque da forte queda dos preços do petróleo, produto que responde por 25% do Produto Interno Bruto (PIB) do país. Empresas estão sendo obrigadas a demitir e, nos casos em que as vagas são mantidas, os salários acabam por ser reduzidos em até 45%. Os mais atingidos pelo corte nos rendimentos são os executivos, diz Mikal Lovik, sócio da Caeras AS, empresa da aérea de recursos humanos.

“Estamos sendo obrigados a nos adaptarmos à realidade da economia”, afirma, Lovik. “No setor de petróleo, com os preços do produto se mantendo elevado por muito tempo, criaram-se distorções, a ponto de um executivo receber até R\$ 10 mil por dia”, afirma. Para ele, do ponto de vista dos trabalhadores, a redução dos salários não é bem-vinda. Mas, para as empresas e a economia,

remunerações menores significam maior poder de competição e de produtividade. “Uma coisa é o barril de petróleo acima de US\$ 100. Outra, a US\$ 40 ou abaixo disso”, acrescenta.

Com a queda dos salários, explica Lovik, a Noruega terá condições de exportar mais e as empresas, de recompor aos poucos o quadro de pessoal sem grandes pressões de custos, à medida que a economia for se recuperando. “Já percebemos, desde julho, sinais mais animadores da atividade. E a demanda por profissionais voltou a crescer. Não se pode esquecer de que temos um exército de profissionais qualificadíssimos que ficaram sem emprego nos últimos meses”, ressaltou.

Apesar do otimismo do executivo da Caera AS, o desemprego permanece em alta na Noruega. Em junho do ano passado, era de apenas 3,4%. Em julho deste ano, pulou para 4,5% e deve caminhar para 5% até dezembro, estimam os especialistas. Com isso, o número de desempregados avançou, no mesmo período, de 86 mil para

Luciane Evans/EM/D.A Press



Lovik conta que executivos da área de petróleo chegaram a ganhar US\$ 10 mil por dia no auge da cotação

95,6 mil. “Felizmente, esses números não se refletem nas ruas, graças à rede de proteção social que o país criou. As pessoas que perdem o emprego têm o aluguel, a escola dos filhos e a saúde bancados pelo governo”, explica Salvador Scofano, brasileiro que se mudou há 16 anos para a Noruega e trabalha como guia turístico em Berger, a segunda cidade do país.

As despesas dos desempregados são cobertas por uma ajuda governamental que varia entre R\$ 8 mil, o correspondente ao salário mínimo, e R\$ 15 mil. Pode parecer muito à primeira vista, mas o custo de vida da Noruega é elevadíssimo, cerca de 30% maior que nos Estados Unidos. Além do petróleo, a economia do país é sustentada pela indústria da pesca, sobretudo do Gadus Morhus, que

os brasileiros conhecem como bacalhau. “A Noruega soube se preparar para tempos difíceis. Antes mesmo das grandes descobertas de petróleo, em 1969, o país enriqueceu e montou uma rede de proteção social que garante o melhor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do mundo”, diz Scofano.

* O repórter viajou a convite do governo norueguês